



CARO COMPANHEIRO BINO

“Que a guarda deste livro transmita para os seus descendentes o quanto você foi admirado, especialmente por mim e por seus companheiros, e importante para a história do automóvel e do automobilismo brasileiro.”

Essa é a dedicatória que fiz a você em meu livro, o qual foi entregue à sua irmã Ornela por intermédio do meu médico e amigo de sua família, o dr. José A. Ribeiro, e não entendo como não a conheço pessoalmente até hoje.

A abrangência e o conteúdo deste desabafo transmitem, na plenitude, o sentimento da turma da nossa geração. Outro dia, pensando com os meus botões, me dei conta de como foi curta a sua carreira, para frustração dos amantes do automobilismo brasileiro, bem como a do Fritz D'Orey, com quem falo sempre.

Vou lhe revelar uma coisa que nunca contei para ninguém: algum tempo antes de começar a correr, à meia-noite de uma véspera de Natal, me afastei da família que estava reunida, fui até o jardim e olhei para as estrelas. Sentindo a valia daquele momento, busquei na plenitude da capacidade de minha mente a força para rogar a Deus para que iluminasse e abrisse os meus caminhos na realização do meu maior desejo: a minha obsessão de ser um piloto de automóvel. Num arrepio, senti aquele calor no peito que denunciou que eu havia sido abençoado, o que entenderia no desdobramento da minha vida.

Em meados dos anos 1950, o Volkswagen era o carro da moda, o Porsche, seu primo rico, era o sonho dos fanáticos e, lógico, o meu também, e você era o jovem brasileiro que pilotava aquele primeiro 550 Spyder que von Stuck trouxe para o circuito da Gávea, em janeiro de 1954, que acabou memorável nas pistas pela sua mão, sempre assessorado pelo seu dileto amigo Jorge Lettry.

Nesta época, eu era um camuflado rato de box e, tentando encontrar meus caminhos, resolvi lhe escrever uma carta manifestando os meus desejos e aspirações, que nunca lhe enviei, mas que permaneceu na minha memória. Isso porque, ao longo da minha carreira, sempre que eu recebia uma carta de um admirador, a tal carta para você vinha-me à lembrança, e quem se beneficiou dela foram os que me escreveram, pois eu sempre procurei dar atenção adequada a todos, uma vez que motivos não me faltavam.

Pouco tempo depois, eu era companheiro de classe do Tito Lívio, irmão do Eugênio Martins, na época das Mil Milhas de 1956 – lembra do Volkswagen nº 18? O Tito



me enturmou, foi o meu cordão umbilical com a elite do automobilismo. O meu anjo da guarda é um cara sensacional, com ele as coisas foram fáceis, tanto que meu pai nunca precisou me dar nenhum tostão para eu correr.

Tudo aconteceu naturalmente, eu sempre estava no lugar certo, na hora certa e com a pessoa certa. Participei das melhores equipes, guiei os melhores carros e fui companheiro dos gênios que escreveram a história do automobilismo deste país.

Boa-pinta, guiando muito, e com jeito caladão, você sempre foi idolatrado e imitado por todos nós. Não sousegi enquanto não consegui um capacete prateado como o seu, que foi simbolizado naquela época pelo Prêmio Victor, a grande honraria que consagrava os melhores do Brasil. Não me esqueço também daquelas camisas Lacoste que você usava, sempre na cor vermelha, com aquele típico jacarezinho. Depois da sua partida, e já na Willys, estive na Europa com o Wilsinho Fittipaldi e ele não me deu sossego, arrumou a maior encrenca numa loja em Paris para comprar a tal “camisa do Bino”. A admiração dele por você era tão grande que seu filho foi batizado Christian, em sua homenagem.

Também lhe devo os dois grandes momentos que foram o trampolim para a minha carreira. O primeiro, quando a Serva Ribeiro, o maior revendedor Vemag, trouxe-o da Europa, como atração, para guiar com Eugênio Martins o DKW nº 18 na equipe oficial da fábrica nas Mil Milhas de 1960. Foi memorável aquele momento em que você se desentendeu com o grande chefe Jorge

Lettry, o que não passou de bronca de irmãos, e diante do espanto de todos você voluntariamente abandonou o grupo. O Ciro Cayres, que estava apreciando tudo ao meu lado, atrás do box, me perguntou: “Você quer guiar com o Eugênio?”

Foi incrível, mas aconteceu a minha grande primeira oportunidade e logo depois eu e o Mário Cesar de Camargo Filho éramos oficializados na inédita Equipe Vemag, chefiada por Jorge Lettry, tornando-nos os primeiros pilotos de fábrica no Brasil a disputar temporadas.

O segundo momento foi quando você nos deixou em 1963, naquele trágico acidente em Le Mans, quando mais uma vez o destino quis que eu herdasse o seu lugar no melhor carro do Brasil. E para dar sentido à minha saída da Vemag, fui privilegiado ao ser o primeiro a receber um salário mais benefícios exclusivamente para pilotar um carro de corrida no Brasil. Fica claro que as coisas não acontecem por acaso, e não me faltaram motivos para lá de importantes para ter emoção.

Agradeço a Deus pela oportunidade de ter feito este manifesto, foi o resgate da minha consciência e um dos textos mais motivados de minha vida.

Com a estima e admiração do seu amigo de sempre,
Bird Clemente

Veja mais



www.birdclemente.com.br